

O presente estudo tem por objetivo fazer uma abordagem clínica de animais de tração submetidos a exercício intenso e subnutrição que apresentam decúbito involuntário.

MATERIAIS E MÉTODOS

Foram recebidos no Hospital de Clínicas Veterinária (HCV) da Universidade Federal de Pelotas, na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, no período de maio de 2007 a agosto de 2008, vinte e quatro eqüinos apresentando sinais clínicos semelhantes. Estes animais foram transportados até o HCV, apresentando-se, em sua maioria, em decúbito.

Era indicado ao proprietário ou responsável realizar seu cadastro com o fim de obtermos uma ficha clínica do animal, a qual indicava seus parâmetros fisiológicos, como Frequência Cardíaca (FC), Frequência Respiratória (FR), Coloração das Mucosas, Motilidade Intestinal, Temperatura Retal e o Tempo de Perfusão Capilar (TPC), Consciência, Condição Corporal (CC) e Grau de Desidratação (SPEIRS, 1999).

De acordo com a condição clínica de cada animal, foi instituído um tratamento a base de reconstituição hidroeletrólítica e energética.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi observado que ao chegarem ao HCV, 70,8% (17) dos animais apresentavam-se em decúbito lateral, sendo que desses, 41% (7) apresentava quadro comatoso, sem resposta ao ambiente, 35% (6) apresentava-se em estupor e 24% apresentava quadro de apatia. A partir desses dados observou-se que nenhum dos animais em decúbito lateral e comatoso ou estupor responderam à terapia imediata, sendo preconizada a eutanásia. Apenas 5,8% (1) respondeu a terapia imediata, porém voltou ao quadro de depleção 72 horas após, como pode ser observado na tabela 1.

N	Condição Chegada	Consciência	Mucosas	Temperatura	Frequência Respiratória	TPC	Frequência Cardíaca	Condição corporal	Tempo de tratamento
1	DL	Comatoso	Congestas	37.4	36	4'	68	3	Eutanásia
2	DL	Estupor	Congestas	36.5	24	4'	52	4	Eutanásia
3	DE	Apático	Rósea/Pálida	37	30	3'	64	4	Resposta, eutanásia 12h após
4	DL	Apático	Rósea/Congesta	36.4	20	3'	44	5	Sem resposta imediata
5	E	Apático	Pálidas	36.7	36	3'	54	4	Resposta, eutanásia 72h após
6	DL	Apático	Rósea/Congesta	37.2	28	3'	48	5	Sem resposta imediata
7	DE	Apático	Pálidas	38.3	44	4'	60	4	Reposta, eutanásia 48h após
8	DL	Comatoso	Congestas	39	30	4'	52	4	Eutanásia
9	E	Apático	Róseas/Pálidas	38.8	26	3'	48	5	Resposta, eutanásia 72h após
10	E	Apático	Rósea/Pálida	37	30	3'	52	5	Reposta, eutanásia 120 horas
11	DL	Estupor	Congestas	39.3	42	4'	76	3	Eutanásia
12	DL	Comatoso	Congestas	36.4	26	4'	54	4	Eutanásia
13	DL	Comatoso	Congesta	36.8	24	4'	48	3	Eutanásia
14	DL	Estupor	Rósea/Congesta	37.9	38	3'	64	3	Eutanásia

15	DL	Comatoso	Congesta	36.4	40	5'	82	4	Eutanásia
16	DL	Apático	Rósea/Pálida	37.3	24	3'	48	5	Sem resposta imediata
17	DE	Apático	Pálida	37	30	3'	52	5	Resposta, eutanásia 24h após
18	E	Apático	Congestas	36.8	42	3'	68	4	Resposta, eutanásia 72h após
19	DL	Comatoso	Congestas	38.9	44	4'	72	3	Eutanásia
20	DL	Comatoso	Congestas	36.4	26	5'	44	4	Eutanásia
21	DL	Estupor	Rósea/Congesta	37.2	36	4'	54	4	Sem resposta imediata
22	DL	Apático	Pálidas	37.3	44	3'	52	4	Resposta, em avaliação após 168 horas
23	DL	Estupor	Rósea/Congesta	37.8	48	3'	60	4	Sem resposta imediata
24	DL	Estupor	Congesta	38.5	34	4'	52	3	Eutanásia

Tabela 1: Exame Clínico

DL: Decúbito Lateral

DE: Decúbito ETERNAL

E: Estação

Dos eqüinos atendidos, 12,5% (3) apresentavam-se em decúbito esternal com atitude apática, todos responderam a terapia imediata, no entanto dois retornaram ao quadro de depleção 24 horas após e um animal retornou ao quadro 48 horas após, sendo nesses três casos preconizada eutanásia. Observa-se que eles obtinham condições melhores para responder ao tratamento, se relacionarmos o escore corporal não foi menor que 4 em nenhum dos casos, fato que não se repetiu nos outros animais.

O restante dos cavalos atendidos, 16% (4) chegou ao HCV em estação apresentando atitude apática, no entanto três animais responderam a terapia imediata e mantiveram condições de sobrevivência até 72 horas após terapia e um animal obteve sobrevida até 5 dias após. Tais respostas podem ser explicadas por uma melhor condição ao chegar.

Nos eqüinos que não manifestaram resposta à terapia instituída (70,8%), foi observada temperatura retal que variava de 36,4 C° a 39,3C° e graus. A desidratação que variaram de 10% a 12%. Nos eqüinos que demonstraram resposta imediata a terapia (29,2%) foi observada temperatura retal que permaneceu entre 36,7C° a 38,8C° graus e a desidratação que estava de 8% a 10%.

A partir da análise desses dados pode-se observar que animais em condição de exaustão e subnutrição, apresentando decúbito lateral em quadro comatoso ou estupor, apresentam muita dificuldade na resposta a terapia imediata. Animais em decúbito esternal, em geral respondem a terapia imediata, porém em pouco tempo (24h) voltam ao quadro de depleção. Por fim, animais em estação respondem a terapia imediata, mas se não houver terapia de manutenção adequada, retornam ao quadro de depleção.

A condição corporal dos animais é um fator a se considerar, já que eles tinham em média escore corporal 4 (1-10), revelando uma condição desfavorável para o trabalho exercido, o que se deve a baixo aporte energético na dieta destes animais. Caracterizando o quadro de subnutrição desses cavalos.

O exercício repetitivo e rotineiro, associado à subnutrição e aos transtornos enfrentados por estes cavalos, acaba por esgotar suas possíveis fontes de energia, provocando lesões hepáticas, renais e musculares devido a utilização excessiva do glicogênio hepático e muscular. Os estoques de glicogênio são esgotados durante a atividade física e repostos durante o período de recuperação, sendo exigido um tempo de descanso, o qual esses animais não dispõem, levando ao quadro clínico observado em animais de tração estudados (HOGSON et al., 1985).

CONCLUSÃO

Entende-se que os eqüídeos de tração subnutridos e submetidos ao exercício exaustante alcançam uma condição clínica e metabólica que dificilmente responderá a reposições hidroeletrólítica e energética imediatas.

Apesar da sintomatologia desses animais serem divergentes em alguns aspectos, o curso do distúrbio metabólico é o mesmo em todos os eqüinos.

Contudo mais estudos devem ser realizados para obtenção de um perfil metabólico dessa categoria animal, sendo dessa forma possível a elaboração de uma terapêutica efetiva e preponderante para melhora clínica desses animais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HARRIS, P.A. Enfermidade Musculoesquelética in: **Medicina Interna Eqüina**, REED, S.M & BAYLY, W.M. edição 1, Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2000.

MURIEL, M.G. Patologias que Afetam o Rendimento in: **Fisiologia Del Ejercicio En Eqüinos**, BOFFI, F.M. edição 1, Inter-Médica, Buenos Aires, 2007.

SPEIRS, V. C. O Exame Clínico in: **Exame Clínico de Eqüinos**, SPEIRS, V.C., edição 1, Artes Médicas Sul Ltda, Porto Alegre, 1999.

OLIVEIRA, L.M. , MARQUES, R.L. , NUNES, C.H. ,CUNHA, A.M.O. , Carroceiros e Eqüídeos de Tração: Um Problema Sócio-Ambiental, Caminhos da Geografia, volume 8, número 24, página 204-216, Dezembro, 2007.

SANTOS, V.P., Variações Hemato-bioquímicas em Eqüinos de Salto Submetidos a Diferentes Protocolos de Exercício Físico, Porto Alegre, 2006.

VELHO, J. , Inserção do Médico Veterinário nas Comunidades Carentes de Pelotas/RS, 2º Salão de Extensão e Cultura - 2º SEC, 2007